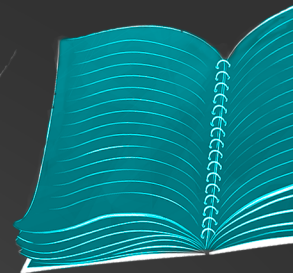


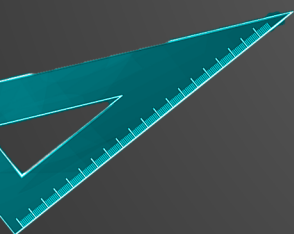
Atena
Editora
Ano 2020

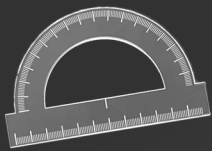


AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)





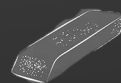
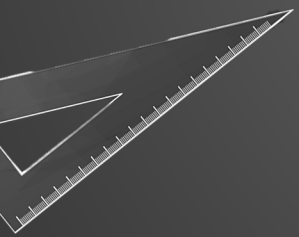
Atena
Editora
Ano 2020



AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As faces da educação: diálogos na diversidade escolar

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Otainan da Silva Matos... [et al.].

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F138 As faces da educação [recurso eletrônico] : diálogos na diversidade escolar / Organizadores Otainan da Silva Matos... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
205 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-346-0 (PDF)

ISBN 978-65-5706-345-3 (Brochura)

DOI 10.22533/at.ed.460200209

1. Educação. 2. Diversidade escolar. 3. Prática de ensino.
I. Matos, Otainan da Silva. II. Costa, José Antonio Moraes. III. Costa, Cleia Silva Pinto. IV. Souza, Andréia Vaz Cunha de. V. Cutrim, Rosylene Conceição Soares.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

PREFÁCIO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Sinto-me lisonjeado em poder registrar breves impressões sobre este livro. Ele foi concebido, a partir dos esforços dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pertencente ao Centro de Ciências Sociais- (CCSo) da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), esforços esses semelhantes ao poema de Tecendo a Manhã. Idealizou-se esta obra com a tessitura de várias manhãs, dias, noites e madrugadas de muito estudos, aulas, leituras escritos e reescritos, para que se pudesse chegar ao título proposto pelos autores e coautores do mesmo “***As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar***”. Tendo como organizadores Otainan da Silva Matos, Celia Silva Pinto Costa, Andréa Vaz Cunha de Sousa, José Antonio Moraes Costa e Rosyene Conceição Soares Cutrim.

Trata-se de uma obra que reúne, em um conjunto de dezesseis capítulos, cuidadosamente, trabalhos elaborados pelos pós-graduandos sob o olhar dos seus respectivos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Eles foram produzidos a partir das pesquisas oriundas de suas inquietações, que se transformaram em suas obras primas: a dissertação. Desvelam-se em seus escritos, as tendências atuais dos debates e das pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado profissional, desenvolvidas pelo PPGEEB¹, no campo da educação e as suas diversas faces: “*Filosofia para Crianças, Construção da identidade profissional e docente, relações étnico-raciais, tecnologias, Gênero, Formação inicial e continuada, Educação Inclusiva e Prática Pedagógica.*” Diante disso, se faz mister avultar que essas diversas faces dos escritos educacionais, composto neste livro em tela, nos levam para outros campos/aspectos da educação: a infância, a educação infantil, a

¹ Criado em 2015, o Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Programa está composto atualmente por vinte e três docentes de diferentes áreas curriculares que compõem a Educação Básica. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. O profissional formado deverá ter como foco a gestão de ensino, a pesquisa, visando a proposição de inovações e aperfeiçoamentos dos conhecimentos e tecnologias educacionais para a solução de problemas do ensino na Educação Básica. Fonte: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381 acesso em Maio de (2020).

leitura, a alfabetização, o ensino de línguas portuguesa e inglesa, a educação física, as deficiências visual e intelectual, a identidade de gênero e, por fim, a pesquisa nas suas diversas facetas, desenvolvidas pelos seus escritores.

Nesse contexto, importa destacar que os textos desta obra, instigam os leitores à reflexão, dispendo à sua leitura crítica, algumas possibilidades interpretativas sobre importantes questões pertinentes à educação básica.

Parabéns pela iniciativa em tornar públicos os estudos do PPGEEB com a produção deste livro!

Sucesso!

São Luís- MA, maio de 2020

José Carlos de Melo

REFERENCIA

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A construção de diversas análises sobre a educação é o que conduz o desenrolar dessa apresentação. Esse assunto que tanto permeia à sociedade, emerge da necessidade de mudanças significativas em nosso país. Diante desse cenário, a presente obra, **“As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar”**, corrobora estritamente para as mais diversas áreas da educação escolar como, Filosofia, Pedagogia, Geografia, Tecnologia, Educação Física, Artes, Identidade de Gênero, Biologia, Português, Inglês, Sociologia, todas essas, em seus sentidos mais simbólicos e integrantes.

Esta obra origina-se da colaboração de estudantes de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), que tem como propósito, estudar as condutas dos formadores de opiniões, investigar os espaços escolares e suas mais variadas formas de ensinar e aprender, entre aluno e professor, coordenador e gestor e todas as relações que ajudam na construção da educação. Nesse sentido, os mestrandos e seus respectivos orientadores concordam com a elaboração deste trabalho, visto que ele servirá de arcabouço teórico para estudantes, docentes, gestores, coordenadores e para aqueles que se interessam por leituras e estudos vinculados às diversas faces da educação.

Com isso, a construção dos capítulos se deram da seguinte forma:

- **Filosofia para Crianças:** a concepção de infância e o sentido do adulto em miniatura – Ms. Otainan da Silva Matos; Ms. Kátia Regina dos Santos Castro e Dr. José Carlos de Melo.

- **A Constituição da Identidade Profissional de Alfabetizadores:** narrativas de docentes integrantes do grupo de estudo e pesquisa “O ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental” – Ms. Cleia Silva Pinto Costa; Ms. Rosiara Costa Soares e Dr^a. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Identidade Profissional Docente e o Ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa** – Ms. Cláudia Cristina Cólins Pereira; Rakell Ainy Freitas Luz e Dr^a Marize Barros Rocha Aranha.

- **Relações Étnico-Raciais e Infância:** valorização das diferenças e prevenção de preconceitos na educação infantil – Ms. Lucileide Martins Borges Ferreira; Luanda Martins Campos e Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes.

- **A Formação da Identidade Docente na Perspectiva da Interculturalidade** – Ms. Luanda Martins Campos; Ms. Mírian Ferreira da Silva Borgea e Dr^a Viviane Moura da

Rocha.

- **Práticas Pedagógicas Interculturais:** relato de experiência na disciplina de Educação Física – Ms. Ludmilla Silva Gonçalves e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **O Ser e o estar Formador/a na Escola:** um dilema para o/a Coordenador/a Pedagógico/a – Ms. Alexandrina Colins Martins e Dr^a Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** um relato de experiência na turma do 2º ano de uma escola da rede pública municipal de Paço do Lumiar- Maranhão - Ms. Andréia Vaz Cunha de Sousa; Ms. Érica Patrícia Marques de Araújo e Dr. Samuel Luis Velázquez Castellanos.

- **Ideologias das Brincadeiras x Brinquedos de Meninos x Meninas** – Ms. Rachel Bonfim da Silva e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **Construção de Saberes no Mestrado Profissional e Formação Docente em Gêneros e Sexualidades** – Ms. Rosyene Conceição Soares Cutrim e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **A Gangue como Sintoma de Falência do Modelo Capitalista** – Ms. Daulinda Santos Muniz e Dr^a Elisa Maria dos Anjos.

- **Do Sul ao Norte:** um diálogo sobre a formação inicial de professores de Geografia – Ms. Yuri Barros Lobo da Silva; Ms. Jucileide Melonio Pereira e Dr^a Maria José Albuquerque Santos.

- **A Educação Inclusiva e a Deficiência Intelectual:** desafios curriculares para a prática pedagógica – Ms. Gínia Kênia Machado Maia; Ms. Cleomar Lima Pereira e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

- **Os Corpos e a Escola:** a dança como lente – Ms. Érica Silva Pinto e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **Estado da Arte:** tecnologia móvel para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista – Ms. Máira Carla Moreira Aragão e Dr. João Batista Bottentuit Junior.

- **Tecnologia Assistiva para Estudantes com Deficiência Visual:** uma análise a respeito da produção científica – Ms. Aline Aparecida Nascimento Frazão e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

Quando me deparo com a literatura educacional, especificamente do Brasil, vejo um amplo desafio, no que concerne às formações e práticas dentro ambiente escolar. Vejo uma política que rejeita as escolas e finge que a educação está acontecendo. Vejo crianças sedentas por conhecimento, que fará a diferença na caminhada da vida e que muitas vezes, não adquire. Vejo docentes fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Vejo docentes superestimando o ensino tradicional porque lutam contra a inovação e as novas formas de aprender. É certo que isso existe. Contudo, também vejo políticas públicas positivas na luta pelo rendimento escolar. Vejo professores ofertando o melhor de si, para educar os seus alunos. Vejo o suor de docentes nas quadras de esporte.

Vejo os educadores de salas de recursos multifuncionais integrando os que precisam. Vejo laboratórios de informática atendendo a demanda escolar para informatizar os alunos. Vejo os gestores buscando formação continuada, a fim de aperfeiçoar às práticas educativas. Vejo docentes ofertando recursos financeiros, para que não falte material educacional. Vejo o esforço dos gestores para efetuar uma matrícula. São com esses por menores, que vejo a luta dos profissionais em prol de uma educação para o mundo.

Diante desse contexto, é importante salientar que a prática educativa percorre diversas formas, métodos e caminhos distintos. Assim sendo, ela somente acontece de forma eficiente, se percebermos que ela é plural e interdisciplinar. Portanto, prezado (a) leitor (a), você encontrará nesta obra, uma diversidade de contextos voltados para o ato de educar. Esta coletânea almeja apresentar as múltiplas faces da educação. Além disso, busca-se esclarecer as aproximações e distanciamentos de conceitos entre o ensino e a aprendizagem.

Nos capítulos que regem este livro, encontrarás abordagens que estimulam e ampliam seus conhecimentos acerca de filosofia para crianças, formação de professores, o corpo e seus movimentos, identidade de gênero, artes, ensino de geografia, tecnologia na educação, educação especial, alfabetização, identidade profissional, relação étnico-racial, práticas educacionais, sociologia e suas diversas configurações na instância escolar.

Boa leitura!

Otainan da Silva Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SENTIDO DO ADULTO EM MINIATURA	
Otainan da Silva Matos Kátia Regina Santos Casto José Carlos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.4602002091	
CAPÍTULO 2	12
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ALFABETIZADORES: NARRATIVAS DE DOCENTES INTEGRANTES DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”	
Cleia Silva Pinto Costa Rosiara Costa Soares Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002092	
CAPÍTULO 3	25
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA	
Cláudia Cristina Cólins Pereira Rakell Ainy Freitas Luz Marize Barros Rocha Aranha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002093	
CAPÍTULO 4	40
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E PREVENÇÃO DE PRECONCEITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Lucileide Martins Borges Ferreira Luanda Martins Campos Antonio de Assis Cruz Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002094	
CAPÍTULO 5	51
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE	
Luanda Martins Campos Mirian Ferreira da Silva Boguea Viviane Moura da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002095	
CAPÍTULO 6	63
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ludmilla Silva Gonçalves Raimundo Nonato Assunção Viana	
DOI 10.22533/at.ed.4602002096	
CAPÍTULO 7	73
O SER E O ESTAR FORMADOR/A NA ESCOLA: UM DILEMA PARA O/A COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A	
Alexandrina Colins Martins Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002097	

CAPÍTULO 8 85

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO

Andréia Vaz Cunha de Sousa
Érica Patrícia Marques de Araújo
Samuel Luis Velázquez Castellanos

DOI 10.22533/at.ed.4602002098

CAPÍTULO 9 97

IDEOLOGIAS DAS BRINCADEIRAS X BRINQUEDOS DE MENINOS X MENINAS

Rachel Bonfim da Silva
Sirlene Mota Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.4602002099

CAPÍTULO 10 107

CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Rosylene Conceição Soares Cutrim
Sirlene Mota Pinheiro da Silva

DOI 10.22533/at.ed.46020020910

CAPÍTULO 11 122

A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA

Daulinda Santos Muniz
Elisa Maria dos Anjos

DOI 10.22533/at.ed.46020020911

CAPÍTULO 12 130

DO SUL AO NORTE: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Yuri Barros Lobo da Silva
Jucileide Melonio Pereira
Maria José Albuquerque Santos

DOI 10.22533/at.ed.46020020912

CAPÍTULO 13 144

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESAFIOS CURRICULARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ginia Kênia Machado Maia
Cleomar Lima Pereira
Lívia da Conceição Costa Zaqueu

DOI 10.22533/at.ed.46020020913

CAPÍTULO 14 155

OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE

Raimundo Nonato Assunção Viana
Érica da Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.46020020914

CAPÍTULO 15 163

ESTADO DA ARTE: TECNOLOGIA MÓVEL PARA AUXILIAR CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maíra Carla Moreira Aragão

João Batista Bottentuit Junior

DOI 10.22533/at.ed.46020020915

CAPÍTULO 16 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Lívia da Conceição Costa Zaqueu

DOI 10.22533/at.ed.46020020916

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 190

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO

Data de aceite: 05/07/2020

Andréia Vaz Cunha de Sousa

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Gestão da Educação Básica PPGBE da Universidade Federal do Maranhão.

Érica Patrícia Marques de Araújo

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Gestão da Educação Básica – PPGBE da Universidade Federal do Maranhão.

Samuel Luis Velázquez Castellanos

Doutor em Educação e professor orientador no Programa de Pós-graduação Gestão da Educação Básica – PPGBE da Universidade Federal do Maranhão.

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre as aprendizagens evidenciadas no âmbito de um processo de formação de leitores que envolve alunos e professor de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Analisam-se situações de aprendizagem com a leitura por meio de diversos gêneros textuais, especificamente, do advinha, a partir da aplicação de um projeto de intervenção que teve como elemento norteador a formação do leitor. Utilizam-se a pesquisa ação do tipo intervenção

pedagógica, a observação participante, grupo focal, as atividades diagnósticas e entrevista semi-estruturada como instrumentos de geração de dados. Demonstram-se nas primeiras aproximações certo movimento dialético de ruptura da perspectiva técnica do ensino da leitura como mera decodificação de símbolos, evidenciando-se crescente autonomização dos sujeitos envolvidos na prática de leitura e, conseqüentemente, maior aprendizagem referente aos aspectos em torno do uso e reflexão sobre a língua.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso, leitura, formação de leitores.

INTRODUÇÃO

No contato mais próximo com o contexto escolar, observa-se que o processo de inserção das crianças nas práticas de leitura tem sido considerado pelas professoras alfabetizadoras como um grande desafio a ser superado no trabalho realizado em sala de aula, tornando-se, algo desalentador, devido a que diversos alunos não conseguem atender a expectativa da escola com respeito ao domínio da leitura.

Embora haja diversas publicações voltadas para a discussão do papel crucial da

leitura na inserção social dos indivíduos (GERALDI, 2015; ANTUNES, 2003; SOARES, 2006; KOCH & ELIAS, 2008; SOLÉ, 1998), este assunto continua sendo alvo de debates no meio educacional e acadêmico, especialmente, pela constatação do grande número de alunos que conclui o Ensino Fundamental sem se apropriar das competências necessárias para a plena participação nas diversas esferas da vida em sociedade, o que mostra as dificuldades da escola em habilitar os alunos desde os anos iniciais a ler na diversidade de seus usos.

A linguagem é empregada por meio de enunciados em todas as relações das atividades humanas. Por isso é possível afirmar que o homem não pode se situar no mundo sem a linguagem, já que esta promove a transmissão “da experiência da prática sócio-histórica da humanidade; [e] por consequência, é um meio de comunicação, a condição da apropriação pelos indivíduos desta experiência e a forma da sua existência na consciência.” (LEONTIEV, 1978, p. 172). Sendo assim, discutir o ensino-aprendizagem da leitura, é concebê-lo como uma forma de linguagem de que as crianças precisam se apropriar, pois “[...] não se aprende espontaneamente a ler nem a escrever. Ninguém o faz sem que seja ensinado intencional e explicitamente [...]” (CURTO; MORILLO; TEIXIDÓ, 2000, p. 63).

Organizar o ensino da leitura a partir desse viés é direcionar a atenção ao papel do professor como mediador do conhecimento, pois são das relações estabelecidas em sala de aula e das decisões tomadas por ele, que resultados significativos podem ocorrer no processo de leitura dos alunos ou se limitar apenas a uma mera técnica de reprodução, na qual o que conta é a tarefa de realizá-la, mesmo desprovida de sentido e motivação. Desse modo, objetivamos refletir sobre como as aprendizagens evidenciadas no âmbito de um processo que envolveu alunos e professor de uma turma do 2º ano de uma escola da rede pública de Paço do Lumiar, no Maranhão, tem influenciado na formação de leitores.

O ensino da leitura e os gêneros discursivos: uma relação necessária

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...] (BAKHTIN, 2016, p.11).

O pensamento de Bakhtin (2016) postula que o acesso à realidade social não ocorre de forma imediata, mas sempre mediado pela linguagem, o que implica dizer que “o real apresenta-se para nós sempre semioticamente, ou seja, linguisticamente. [...] Não [havendo] nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discurso” (FIORIN, 2018, p. 22).

A teoria bakhtiniana volta-se para a análise das particularidades da linguagem no plano do discurso, por articular as relações que o homem estabelece com o outro e com o mundo, logo somente construída nas relações sociais estabelecidas nas diferentes esferas de atividade da vida em sociedade, nas quais os sujeitos históricos e socialmente

constituídos utilizam-se da linguagem para manifestar suas necessidades enunciativas concretas.

Na comunicação discursiva, o falante ao se direcionar ao interlocutor, aguarda a sua resposta, espera que este compreenda o que foi dito ou escrito e, desse modo, possa responder ao dito/escrito. Dessa forma, o enunciado ao ser construído para o encontro, se faz a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 25)

[...] De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-o para usá-lo, etc; essa posição responsiva [U13] do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.

A língua, por ser criação da sociedade, tem a função de ser dialógica por natureza, já que o diálogo constitui uma das mais importantes formas de interação verbal, por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (BAKHTIN, 2016). Nesse sentido, deve compreender-se o diálogo como uma leitura ou qualquer outro tipo de comunicação verbal, e não somente como aquela estabelecida face a face. Isso nos leva a refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem das práticas de leitura realizadas em sala de aula. Na escola, é possível constatar que, muito do que se compreende como linguagem, desconsidera este aspecto discursivo e dialógico; nos anos iniciais de escolarização, em especial, observa-se que a comunicação discursiva parece não precisar existir, não sendo importante neste momento da vida escolar, e por isso não deve ser apreendida pelos alunos de forma viva e dinâmica.

Essa concepção de ensino acaba afastando as crianças de atividades discursivas; e da produção de sentido, pois não há espaço para o diálogo com textos que, equivocadamente, são reservados para etapas mais avançadas da escolarização, depois que as crianças “aprendam” a ler num processo que ignora sua interferência como sujeito. Assim,

Acreditando que vão aprender a ler e a escrever para resolver situações específicas (ler um gibi, a legenda do filme, as informações do álbum de figurinhas, os rótulos no supermercado etc) e sem conseguir estabelecer pontes entre um processo mecânico e sem sentido e as suas expectativas, as crianças vão aos poucos desanimando e acabam incorporando como sua a incompetência da escola em lhes garantir a apropriação desse saber (GARCIA, 2003, p. 92, 93).

Na maioria das vezes, o trabalho com a escrita não é proposto em um contexto de colaboração, reduzindo-se a uma aprendizagem individualizada, solitária e silenciosa. Nesse processo, não se incentiva a criança a estabelecer uma conversação sobre o texto, suas dúvidas, suas ideias em relação à escrita. Conseqüentemente, o aluno não compreende o significado social da escrita e que sentido tem para ele a apropriação dos conteúdos. Então, o conhecimento prévio que antes do ingresso na vida escolar era

repleto de significações em decorrência das relações estabelecidas com os textos em circulação e seu entorno, esvaziou-se, se tornando apenas um instrumento de alienação e seleção social.

A aprendizagem da linguagem é um dos elementos essenciais para as crianças enriquecerem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas esferas de atividades sociais. Tal aprendizagem não implica apenas em conhecer as palavras isoladamente, mas também os seus significados culturais, e, com eles, os modos pelos quais as pessoas de seu grupo sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade. Como forma de ressaltar a relevância dos enunciados no processo discursivo, Bakhtin (2016, p.68) destaca a diferença entre as unidades significativas (gêneros do discurso) e as unidades mínimas da língua: De acordo com ele,

À diferença dos enunciados (e dos gêneros do discurso), as unidades significativas da língua- a palavra e a oração por sua própria natureza são desprovidas de direcionamento, de endereçamento – não são de ninguém e a ninguém se referem. Ademais, em si mesmas carecem de qualquer relação com o enunciado do outro, com a palavra do outro. Se uma palavra isolada ou uma oração está endereçada, direcionada, temos diante de nós um enunciado acabado, constituído de uma palavra ou de uma oração, e o direcionamento pertence não a elas como unidades da língua, mas ao enunciado.

Nessa perspectiva, ao falar-se dos enunciados, se faz referência aos gêneros do discurso, considerando-se que é somente pelos enunciados concretos que a linguagem penetra na vida e, que, por isso, a apreensão da linguagem permite construí-los de acordo com o domínio da atividade humana (BAKHTIN, 2016). Isso implica dizer que aprender a falar e a escrever é mobilizar o conhecimento para delinear o discurso (oral ou escrito) em forma de gêneros. Segundo Bakhtin (2011, p. 283):

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. Se os gêneros do discurso não existissem, e não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível

Este apontamento é de grande importância, porque, muitas vezes, no trabalho realizado em sala de aula com os alunos, o professor não atenta para o fato de que os gêneros se efetivam nas relações discursivas e, conseqüentemente, cria situações fictícias no processo de aprendizagem para análise de aspectos formais e internos da língua. Nesse sentido, as propostas de atividades com a leitura precisam ser concebidas no contexto das relações de ensino a partir do contato com enunciações concretas que somente são concretizadas por meio do trabalho com os gêneros discursivos, definidos aqui como “[...] correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.” (BAKHTIN, 2011, p. 268).

Assim, no processo de ensino e aprendizagem, o que passa a ter prioridade é a

organização de situações para que o aluno construa, analise, discuta e levante hipóteses, por meio da prática da leitura de diferentes gêneros discursivos - única instância que lhe possibilita compreender como, de fato, a língua que fala funciona. Nessa lógica, o desenvolvimento do Projeto de intervenção na turma do 2º ano, ocorreu por meio de muitos diálogos entre pesquisadora/professor/crianças e entre as crianças possibilitando que a linguagem fosse exercitada e apreendida gradualmente nesses encontros.

As adivinhas na escola: organizando e reorganizando saberes e práticas docentes acerca da leitura

A partir dos dados gerados com a observação participante, as atividades diagnósticas, o grupo focal e a entrevista, obtiveram-se informações para o desenvolvimento do Projeto de intervenção, cujo objetivo foi colocar a turma em contato com os gêneros discursivos. Durante as observações notamos que os alunos não tinham vivências diárias com a leitura, nem rotinas estabelecidas; portanto fizemos questionamentos subjetivos no grupo focal, para identificar elementos que apontassem o entendimento que tinham acerca das práticas de leitura e da sua função social. Em relação à atividade diagnóstica e à aplicação da Provinha Brasil, avaliamos o nível de leitura e escrita bem como problemas do processo de alfabetização no intuito que melhorasse a qualidade do letramento inicial. Com os dados gerados, ao observar-se que a turma possui um nível regular em leitura e escrita, identificamos que possuem uma visão limitada da leitura, resumindo-a ao codificar/decodificar palavras, sem uma análise sobre o significado do texto e também uma estreita visão da função social da escrita no cotidiano, o que sugere um trabalho direcionado para as necessidades e as dificuldades reais.

No contexto do campo de pesquisa, diferentes dificuldades são encontradas para a formação leitores na escola, entre elas: a leitura sendo compreendida somente como decodificação de letras e sílabas; o não entendimento do uso social da leitura e a ausência de estratégias para seu consumo - para quê e os seus objetivos. Problemas que são oriundos de ações pedagógicas não planejadas por parte da equipe atuante de docentes e do próprio desconhecimento dos alunos sobre a função social da escrita. Assim, o objetivo da intervenção em sala de aula foi a de sugerir alternativas na formação de um leitor competente; alguém que compreenda o que lê, e que ao interpretar o que não está escrito, identifique os elementos implícitos, estabeleça relações entre o texto e outros escritos, e abarque os vários sentidos que podem ser atribuídos aos textos. Nessa perspectiva, a proposta foi organizada e encaminhada em forma de sequências didáticas:

[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...] tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97)

A elaboração das sequências didáticas se deu a partir dos interesses e das

necessidades que surgiram durante o processo, pois acreditamos que é somente no “trabalho contínuo, cotidiano, com a leitura e a escrita, de variadas maneiras, que as crianças vão ampliando o conhecimento que tem sobre o mundo da escrita e sobre o sistema alfabético propriamente” (GONÇALVES, 2015, p. 58).

Nesse sentido, começamos a explorar o gênero textual Adivinhas, por meio da apresentação de “modelos”, para que as crianças tivessem contato com textos desse gênero discursivo, motivadas por meio uma situação problematizadora e, inicialmente, solicitamos a leitura individual e silenciosa para que pudessem identificar traços determinantes do gênero discursivo Adivinhas

Ao se propor um olhar para textos já publicados, não se pretende com isso, retornar às práticas tradicionais e mecânicas de simplesmente “seguir o modelo”. O que se quer, realmente, é que o aluno [...] reconheça-o quanto a sua função social, ao seu meio de produção e de circulação, à sua construção composicional e ao seu estilo. Na tentativa de facilitar essa compreensão, os quais já circulam em diferentes esferas e suportes, constando sua funcionalidade (BARROS, 2014, p. 29, grifo da autora).

O contato com esse material nos possibilitou ricos momentos de aprendizagem e trocas. Em seguida, sugerimos a leitura deleite “Adivinhe se puder”, da autora Eva Furnari (2011), propiciando-se um momento de muita diversão, onde os alunos ficaram empolgados para descobrir respostas. O PNAIC propõe esta etapa como atividade permanente a ser realizada tanto pelo professor, como pelo aluno (individual ou coletivamente), ao entender-se que a “leitura deleite” é sempre um momento de descontração e reflexão sobre o texto, sem necessidade da questão formal da leitura. Contudo, tal prática não exclui as ocasiões em que se conversa e se reflete sobre os textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes (LEAL; PESSOA, 2012).

Atualmente, nota-se que a leitura está se tornando uma atividade diária e central da aula, que permite vivências de situações específicas, nas quais, os professores demonstram aos discentes sua importância, e estes paulatinamente conhecem gêneros textuais variados, circulando entre escritores diversos e singulares obras, que apontam a valorização individual de diversos estilos. Assim, em roda de conversa, questionamos sobre a utilidade e funcionalidade das adivinhas, levando-os a refletir sobre o uso deste gênero textual. Nesse momento, se seguiram as orientações de Faraco e Castro (1999, p. 8), quando dizem que cabe ao professor

[...] as diferenças genéricas existentes entre os mais variados tipos de textos. Cabe a ele mostrar o papel desses gêneros no processo social de interação verbal, como forma de garantir a competência e a adequação discursiva do aluno para as mais variadas situações de interação socioverbal a que ele poderá ser exposto fora dos limites escolares. Isto é, no fundo, o que devemos fazer como professores de língua materna é, mais do que tudo, seguindo os princípios teóricos de BAKHTIN [1986], levar para dentro da sala de aula – até onde o limite natural da escola permite - a realidade dinâmica das relações lingüísticas que estão acontecendo fora dela. (grifo dos autores).

Como percebemos, o contato dos alunos com o gênero não se inicia com uma aula expositiva sobre sua definição, característica e estrutura; mas da sua exposição para que

a partir de uma leitura silenciosa, possam descobrir o gênero abordado. Quando se trata daqueles que ainda não se apropriaram do sistema alfabético, o fazem “[...] a partir de indícios que vão desde as ilustrações até o formato e a cor, passando, entre outros, pelas palavras e que, de todo modo, estão muito ligados ao contexto nos quais tais escritos são encontrados” (JOLIBERT et al, 1994, p. 44).

Seguidamente, se colocaram adivinhas no cartaz que faziam referências a animais. Entende-se que a língua oral e escrita é essencial para que os sujeitos possam se comunicar e exercer a cidadania de forma autônoma, sendo fundamental que a escola favoreça a construção desses saberes e contribua para que os alunos se comuniquem nos diferentes contextos, aspecto que é pontuado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (1997, p. 22):

[...] a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Nessa perspectiva, os PCN’S também fazem alusão às adivinhas como um dos gêneros discursivos que devem ser explorados em sala de aula, observando-se deste modo, a relevância de seu uso nas práticas pedagógicas onde a ludicidade tem papel fundamental na aprendizagem, como mostramos na seguinte foto.

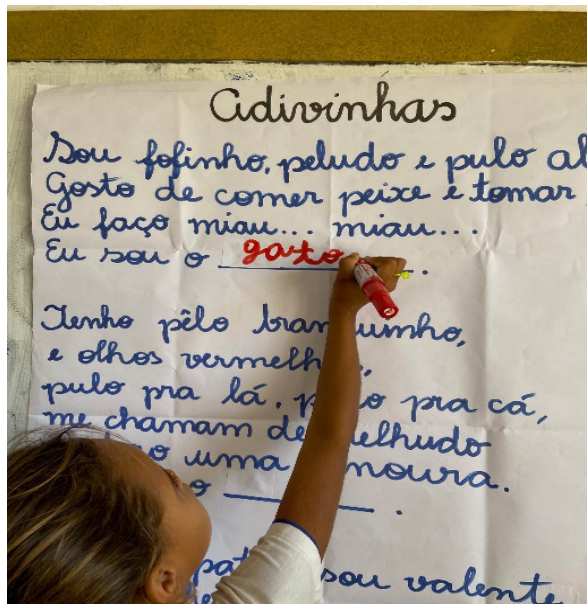


Foto 1- Adivinhas rimadas sobre animais.

Fonte: Registrada pela pesquisadora.

Neste momento, as crianças sentiram-se entusiasmadas ao registrarem as respostas no cartaz. Para que todos pudessem participar da vivência, o texto também foi colado no caderno para que identificassem as rimas, desafiando-os a registrarem a escrita espontânea de nomes de outros animais. Entende-se que este tipo de atividade faz com

que os alunos formulem e reformulem suas hipóteses sobre o funcionamento do sistema de escrita, o que favorece o desenvolvimento da leitura.

Assim sendo, depreende-se que ler vai além de atribuir sentidos ao texto, mas sim principalmente estabelecer relações com as experiências pessoais, sobretudo com outros textos. O discente nesta atividade precisa mobilizar várias operações mentais, interagindo imagens e linguagem verbal, o que contribui para a interpretação e para que capturem o sentido global do que se lê (SOLÉ, 1998). Desta forma, práticas que propiciem a vivência com gêneros textuais necessitam ser estimuladas em sala de aula, de modo a despertar em leitores em formação atos de leitura mediados por ações pedagógicas, estimulando-se assim a interação, concebida como uma ação em contínuo movimento via o letramento. Deste modo, por meio da interação sugerida com os variados gêneros textuais, principalmente daqueles de uso comum, possibilitaríamos uma formação leitora competente, visto que, conhecer um determinado texto e sua funcionalidade, poderia induzir os alunos de forma consciente e autônoma nas relações sociais. Acerca disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem a relevância desse processo:

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes. (PCN LP, 1997, p.56)

A partir desse trecho, podemos inferir que a formação de leitores perpassa pela interação dos sujeitos entre si e com variados textos, de modo a que estes possam lê-los e apreciá-los, atribuindo-lhes sentidos ao reler, comentar e comparar com outras leituras, ao ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo escrito e ampliar o olhar, pois estas ações podem ser desenvolvidas pelas escolas. As respostas das adivinhas escolhidas, no encontro seguinte, referiam-se a objetos. Após a leitura deleite, os alunos assistiram um vídeo animado, que objetivou despertar o interesse para a competição em grupos, no qual o vencedor teria que ter a maior quantidade de acertos, se explorando o texto no cartaz através da leitura em voz alta. Em seguida, sugerimos que os discentes desenhassem os objetos referentes às respostas corretas, e registrassem a resposta com palavra.

As sequências didáticas do dia posterior foram pensadas no intuito de levar os alunos a refletirem sobre a estrutura das adivinhas e compreendessem que os textos trazem características de um objeto/animal/fruta com a intenção de oferecer dicas para o alcance das respostas. Nesse sentido, explorou-se o inverso das adivinhas, mostrando-lhes primeiramente duas frutas e solicitado que citassem características das mesmas, apresentando-se seguidamente as adivinhas em faixas para que cada grupo adivinhasse e escrevesse o nome da fruta correspondente. Para finalizar, os alunos realizaram a escrita espontânea de nomes de frutas no caderno.

Em continuidade ao encontro anterior, propusemos a produção de adivinhas em

duplas. Após a leitura deleite, foi colocado um objeto em cada mesa para que os alunos oralizassem suas características, entregando-lhes laudas para que criassem adivinhas baseadas em tais características. Finalizadas as escritas, partimos para o momento das adivinhações, onde a turma tinha que desvendar a produção de cada dupla. Assim, descobrir uma adivinha criada por eles foi bastante significativo, pois as crianças estavam muito entusiasmadas na execução.

No último encontro das sequências didáticas, planejou-se um Festival de Adivinhas, para iniciar, foi lembrado a utilidade do gênero textual em foco. Em seguida cada aluno recebeu uma adivinha em um papel e no quadro foi colocado imagens que representavam as respostas correspondentes. Cada discente no seu tempo tentava realizar a leitura do seu texto, e a pesquisadora auxiliava àqueles que ainda não possuíam a habilidade da leitura, deste modo, a criança precisava ler a adivinha e buscar a resposta (imagem impressa) no quadro.

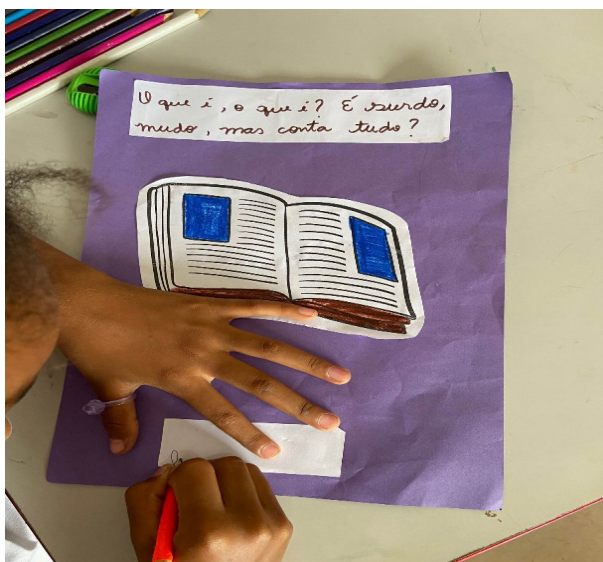


Foto 2- Festival de adivinhas.

Fonte: Registrada pela pesquisadora.

Após a escolha da figura, que representava a resposta da adivinha, a criança precisou escrever a resposta. Ao final, cada aluno leu sua produção para que os demais tentassem desvendá-la. Nessa atividade pode-se perceber o envolvimento para executarem a atividade proposta, pois os mesmos sentiram-se motivados a participar de todas as etapas. Ao final desta sequência, percebemos que os objetivos foram alcançados, visto que as atividades propostas envolveram os alunos, motivando-os a executá-las e expondo o nível de interesse na sua realização, o que pode ser explicado pela ludicidade que esse gênero textual carrega; o qual, “[...] é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo” (TEIXEIRA, 1995, p. 23). Nessa lógica, o aspecto lúdico foi utilizado como um facilitador da aprendizagem,

e nesse contexto as adivinhas caracterizam-se por ser uma forma lúdica de desafio, onde foram construídas comparações e personificações, entre outros, com a finalidade de dificultar a solução.

Assim, postulamos que à medida que a prática da leitura se sedimenta e se torna um prazer (através da organização das sequências didáticas propostas nesse estudo - as quais seguem uma ordem lógica de habilidades simples e complexas, bem como coloca a leitura como uma rotina diária) o leitor aprende a desfrutar, formulando-se juízos de valor sobre os significados apreendidos, sobre a validade e adequação das ideias, comparando-as com experiências e leituras anteriores, o que vem favorecer a formação de leitores.

Para tanto, o professor como mediador desse processo, deverá esclarecer que, por médio da leitura realizam-se exercícios amplos de raciocínio, tornando-nos indivíduos sábios e criativos. Portanto, caberá a ele desenvolver-se enquanto profissional de modo que possa contribuir com a aprendizagem dos alunos através da utilização de recursos e estratégias possíveis conforme a sua realidade.

Assim, no término das intervenções, tivemos a certeza de que as atuações propostas se ajustaram ao nível social, cultural e pedagógico dos discentes, além de serem acessíveis e possíveis de aplicabilidade em qualquer espaço escolar. Apreende-se também que para a concretização deste trabalho é necessário planejamento, tempo e disposição dos educadores, visto que as atividades sugeridas propõem mudanças de rotina, postura e organização do espaço escolar para que aconteça, já que em alguns momentos mudamos a ordem da sala de aula e os recursos, utilizando-se outros espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos que a leitura não é somente um objeto de conhecimento na escola, mas sobretudo, uma forma de linguagem, a qual é constituída na interação. Trata-se não somente de transmitir-se a leitura, mas de compreender sua funcionalidade na interação e na interlocução em sala de aula, oportunizando a linguagem em suas várias possibilidades. Assim, os gêneros textuais atendem às necessidades para a comunicação entre os indivíduos de forma variável, apresentando diversos estilos e conteúdos temáticos.

A imersão dos alunos nas práticas de linguagem favorece a sua apropriação da leitura e escrita, e, por conseguinte para a formação de leitores. Nesse sentido, é fundamental um trabalho progressivo e pontual com os gêneros textuais, envolvendo situações do cotidiano e aproximando os textos de suas vivências. Para que seja realizado esse trabalho é essencial ter o conhecimento acerca das habilidades, necessidades e defasagens dos alunos, as quais foram identificadas a partir do diagnóstico: leitura como decodificação de letras e sílabas, uso social da leitura e estratégias de leitura.

Concluimos mediados pelas reflexões levantadas, que o gênero textual adivinha

precisa ser mais explorado na prática docente, tendo em vista que o professor atua como um agente facilitador da aprendizagem, sua utilização no processo de formação das palavras instigando o aluno a descobrir a solução do enigma provoca um maior interesse pelo aprendizado dos conteúdos, gerando impactos positivos no ensino da leitura. Deste modo, tais análises levantadas levam à afirmação de que o uso de adivinhas em sala de aula faz com que sejam aprimoradas certas habilidades cognitivas, tais como: facilidade na memorização de conteúdo, desenvolvimento do raciocínio lógico, e desenvolvimento do espírito criativo e crítico, que proporciona momentos de interação e diversão na sala de aula de língua materna. Isto torna a adivinha uma ferramenta de trabalho, estudo, pesquisa e ludicidade satisfatória nas aulas de língua portuguesa.

Sendo assim, ao incorporar práticas de leitura e compreensão de textos, o docente pode tomar os gêneros como ferramenta de reflexão para o trabalho em sala de aula, tendo em vista que ao utilizar os diversos gêneros textuais, a escola contribuirá para uma nova perspectiva no processo de leitura tornando o aluno um leitor competente e crítico. Portanto, acreditamos que as atividades de leitura desenvolvidas em sala de aula devem estar presentes em toda a escolaridade, começando com as turmas menores, com leituras diárias e conversas ao respeito da mesma, nas quais, os alunos possam socializar suas interpretações e estabelecer relações com outras leituras. Já com leitores mais experientes, embora em formação leitora, os projetos e sequências didáticas de leitura nos pareceram mais adequados, além da sua permanência diária compartilhadamente realizada ou com ajuda do professor.

REFERENCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. *Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais*. Campinas, SP: Pontes editora, 2014.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC, 1997. 144 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministral; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. *Escrever e ler: como as crianças aprendem e com o professor pode ensiná-las a escrever e a ler* Volume I. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DOLZ, Joaquim; NOVARRAZ, Michéle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequência didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e Colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). *Educar em Revista*. nº15, 1999. Disponível em: http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_15/faraco_castro.pdf. Acesso em: 09 out. 2019.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2018.

FURNARI, Eva. **Adivinhe se puder**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2011.

GARCIA, L. R. **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.

GOULART, C. M.A *et al.* **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. São Paulo: Papyrus, 2015.

GONÇALVES, Angela Vidal. **Alfabetizar: por onde começar?** In: GOULART, Cecília M.A.; SOUZA, Marta (Orgs.). *Como alfabetizar?* Na roda com professoras dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

JOLIBERT, Josette, org. **Formando crianças leitoras**. Traduzido por Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação do professor alfabetizador**: Caderno Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012b. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Formacao_de_professores_MIOLO.pdf> Acesso em: 17 mar. 2020.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Mara. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.





SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Traduzido por Claudia Schilling. Porto Alegre: Penso, 1998.

TEIXEIRA, C E J. **A ludicidade na escola**. São Paulo: Loyola, 1995.

AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR







 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

